

CAIPIRA, MULATA, SIMPATIA E GAY: REFLEXÕES SOBRE GÊNERO, RAÇA E SEXUALIDADE NOS CONCURSOS DE MISS DAS FESTAS JUNINAS EM BELÉM – PARÁ

Rafael da Silva Noleto
rafaelnoleto@usp.br
CAPES
PPGAS-USP
Doutorando

Anualmente, a cidade de Belém (PA) se torna palco para as apresentações de inúmeros grupos de quadrilhas juninas, que compõem a programação das festas de São João realizadas na cidade. Estas festas são marcadas por diversos concursos de dança que visam escolher as melhores apresentações coreográficas de quadrilhas durante o período das festas juninas. Paralelamente aos concursos de quadrilhas, ocorrem também os concursos de miss, que estão subdivididas nas categorias Miss Caipira, Miss Mulata (ou Miss Morena Cheirosa), Miss Simpatia e Miss Gay (ou Miss Mix). Este trabalho visa problematizar questões relativas a gênero, raça e sexualidade que estão imbricadas nesses concursos de miss, atentando para como a articulação de marcadores sociais da diferença está diretamente relacionada com a lógica de produção desses concursos.

Palavras-Chave: Festas Juninas. Gênero. Raça. Sexualidade. Concursos de beleza.

INTRODUÇÃO

Este paper visa ser um texto de compartilhamento de dados etnográficos coletados em trabalho de campo recém concluído na cidade de Belém (Pará) acerca dos concursos juninos realizados no período festivo genericamente denominado como “São João” ou “quadra junina”. De caráter menos teórico e mais descritivo, este texto traz para a discussão alguns pontos centrais, percebidos no contexto destes concursos festivos, que podem iluminar a discussão que pretendo propor em minha tese – pesquisa que vem sendo desenvolvida sob orientação da Prof.^a Dr.^a Laura Moutinho –, pautada sobretudo na problematização de como certos marcadores sociais da diferença (raça, gênero, sexualidade, geração), articulados entre si, podem engendrar uma lógica própria para os concursos de dança e de beleza que analiso.

Antes de adentrar o tópico mais específico deste texto (os concursos de miss), será necessário explicar a dinâmica geral dos concursos aos quais me refiro. Os concursos juninos ocorrem anualmente em Belém (e no interior do Estado) durante todo o mês de junho, resvalando, às vezes, para as primeiras semanas de julho. Contudo, sua preparação acontece no período entre o final do carnaval e o término do mês de maio. Neste caso, meu trabalho de campo em 2014 compreendeu exatamente este período de preparação para os concursos e, obviamente, a temporada de concursos em si, estendendo-se até o início de agosto, quando acompanhei alguns preparativos para um concurso denominado como “Rainha do Folclore” (que não compõe os certames do São João, mas que a eles está relacionado).

Os concursos juninos são divididos em cinco principais categorias, a saber: os concursos de quadrilha, os concursos de quadrilhas mirins, os concursos de miss, os concursos de miss mirim e, finalmente, os concursos de miss gay (destinados a apenas maiores de 18 anos). Além destes três concursos, há a realização dos concursos de Miss Terceira Idade, destinados a mulheres acima de 60 anos, mas que não são realizados na grande maioria dos eventos que são promovidos por lideranças culturais nos bairros periféricos de Belém, destacando-se como um certame promovido pelos poderes públicos estadual e municipal. O recorte empírico deste trabalho toma como ponto de partida para a reflexão os concursos adultos de quadrilha, de miss e de miss gay, fazendo uso de dados relativos aos concursos mirins e de terceira idade apenas quando (e se for) necessário.

Os concursos adultos de quadrilha consistem em uma disputa coreográfica coletiva entre grupos de dança com cerca de 20 pares (divididos pela identidade de gênero “feminina” ou “masculina”), que dançam uma coreografia de aproximadamente 20 minutos e lutam pela conquista do título de “melhor quadrilha” nos mais diversos certames realizados nas periferias de Belém (e região metropolitana) e em cidades do interior do Pará. Entretanto, antes que cada quadrilha se apresente, há a apresentação de sua três principais representantes: a miss caipira, miss mulata (ou miss morena cheirosa)³⁵³ e a miss simpatia. A apresentação das misses consiste em um concurso paralelo, que ocorre de maneira independente ao concurso de quadrilhas, no qual essas mulheres disputam o título de “melhor miss” referente à sua categoria específica, dançando uma coreografia que, em geral, possui 2 minutos de duração e rivalizando com as misses das outras quadrilhas. Ressalta-se que, dentro desta configuração, as misses (caipira, mulata e simpatia) de uma mesma quadrilha não competem entre si, pelo contrário, muitas vezes criam relações de reciprocidade e solidariedade, facilitadas pelo fato de que possuem *status* individualmente diferenciado e reconhecido no interior de sua quadrilha.

Não obstante, há uma quarta categoria de miss para a qual existe um concurso específico, realizado em data à parte, e desvinculado dos concursos de quadrilha: a miss gay ou miss mix. Em geral, trata-se de um homem homossexual, travesti, transgênero, mulher

³⁵³ Há um debate (que será apenas resumido e apontado aqui nesta nota de rodapé), motivado pelos regulamentos do concurso oficial promovido pela Prefeitura de Belém, que diz respeito à nomenclatura “Miss Mulata” e Miss Morena Cheirosa”. Em 2014, a Prefeitura de Belém resolveu abandonar a categoria “Miss Mulata” e adotar a designação “Morena Cheirosa” com o intuito de aproximar o qualificador racial “morena” da designação usualmente mobilizada para descrever Belém como cidade morena e cheirosa, referindo-se, respectivamente, ao caráter “mestiço” que configura a formação racial da população da cidade e aos cheiros dos frutos e temperos que integram os ingredientes da culinária local, tais como a manga (Belém também é considerada como cidade das mangueiras) e o tucupi (caldo aromático extraído da mandioca e utilizado para receitas como tacacá e arroz paraense). Por outro lado, de acordo com informações coletadas em entrevistas realizadas com Alice Miranda e Ruth Botelho (principais organizadoras dos concursos promovidos pela prefeitura), a categoria “Morena Cheirosa” sublinha o caráter mais paraense e amazônico pretendido para esta categoria de miss, afastando-se do caráter mais “negro” e “africano”, utilizados em anos anteriores nas coreografias dessas misses e percebidos, pela organização dos concursos da prefeitura, como não amazônicos.

transexual que figura em uma quadrilha como *brincante* (ou seja, um dos componentes da quadrilha) e que, no dia do concurso de Miss Gay ou Mix, disputa o título de melhor miss em sua categoria, representando a quadrilha para a qual dança ou com a qual possui algum tipo de vínculo.

ESTRELAS DE SÃO JOÃO

Após expor, muito resumidamente, o contexto empírico de minha pesquisa, compartilho alguns pontos teóricos centrais que devem orientar as reflexões de minha tese de doutorado. É necessário mencionar que este trabalho, inserido nos campos teóricos da antropologia e dos estudos de gênero e sexualidade, identifica-se com pesquisas recém-publicadas (ou ainda em processo de publicação)³⁵⁴ cujo foco é a discussão de como a articulação de conceitos relativos aos marcadores sociais da diferença (gênero, raça, classe, sexualidade e geração) pode engendrar ideais performativos de masculinidade e feminilidade em concursos de beleza (e de performance). Assim, afino-me à perspectiva de observação de autoras como Marcia Ochoa (2014), que, analisando concursos de beleza (feminina e transexual) na Venezuela, percebe como esses certames forjam um ideal de feminilidade nacional, que é projetado em um contexto transnacional com o auxílio de um grande aparato midiático. Para Ochoa (2014), estes concursos, de alguma forma, projetam as feminilidades que produzem num imaginário urbano e contemporâneo. Em parte, estas imagens do feminino figuram como representações de certa identidade nacional venezuelana na contemporaneidade.

Devo mencionar ainda que esta análise pressupõe que os concursos de dança e beleza aqui analisados produzem o significado próprio daquilo que é considerado belo a partir de parâmetros e avaliações estéticas que sobressaltam, empiricamente, a articulação de marcadores sociais da diferença tais como gênero, raça, geração, classe social e sexualidade. Inspiro-me em uma vasta literatura dos estudos de gênero e sexualidade, com diversas discussões estabelecidas por autoras tais como Bederman (1996), Brah (2006), McClintock (2010), Stolke (2006), Moutinho (2004a; 2004b; 2006) e Piscitelli (2008), que problematizaram o uso desses marcadores como eixos de produção da diferença utilizados como vetores que engendram certas hierarquias sociais. Assim, é possível dizer que esta análise visa contemplar uma abordagem interseccional dos marcadores sociais da diferença com o intuito de problematizar como certas estruturas de poder são engendradas para produzir

³⁵⁴ Refiro-me à recente publicação do trabalho de Marcia Ochoa (2014) sobre como os concursos de miss e de beleza “trans” na Venezuela produzem feminilidades atreladas a certa noção de modernidade e identidade nacional. Destaco também a pesquisa de Silvana Nascimento (2013), ainda não publicada e realizada no estado da Paraíba (Brasil), acerca dos circuitos gays e transexuais da prostituição, dos concursos de beleza e da articulação política através do Movimento LGBT. Partindo da perspectiva da antropologia urbana, a autora avalia estes três circuitos (e, particularmente, destaco os concursos de beleza gay e trans) como importantes veículos propulsores da circulação dessa população LGBT pelos contextos urbanos brasileiros e internacionais.

matrizes de desigualdade social. Afino-me, então, à perspectiva de que “*estruturas de classe, racismo, gênero e sexualidade não podem ser tratadas como ‘variáveis independentes’ porque a opressão de cada uma está inscrita dentro da outra – é constituída pela outra e é constitutiva dela*” (Brah, 2006; p. 351). É importante notar, neste caso, como as categorias “raça”, “gênero”, “sexualidade” e “classe” estão articuladas entre si, existem *em* relação a si e *através* dessa relação – ainda que de maneira contraditória, às vezes conflitante e sem uma articulação de perfeito encaixe entre elas (McClintock, 2010; p.19).

Expostos os parâmetros teóricos que balizam este paper, insiro agora nesta discussão, alguns dados etnográficos para reflexão. Há dois marcadores de diferença que se sobressaem nestes concursos: gênero e raça. Se, de um lado, há um grande divisor generificado que opõe as categorias “mulher” e “gay/mix”, por outro lado, estes concursos demarcam o lugar racial das misses, estabelecendo a categoria “mulata” como destinada às mulheres mais “negras” ou com coloração de pele consideradas “escuras”, “morenas” ou “mestiças”. A partir disso, percebe-se que, em geral (mas não invariavelmente), as misses caipira e simpatia são visivelmente mais “brancas” ou “claras”. Embora haja casos esporádicos e pontuais em que candidatas “negras” ou “morenas” tenham disputado os títulos de miss caipira ou simpatia, a ocorrência maior consiste em que as candidatas mais “brancas” sejam alocadas nestas categorias.

Vale ressaltar que, entre meus interlocutores, há um entendimento de que existem diferenças hierárquicas entre as três categorias femininas de miss, sendo a miss caipira a mulher mais importante da quadrilha, que carrega a temática de seu grupo em sua coreografia e figurinos. No segundo posto hierárquico há a miss mulata (ou morena cheirosa), que, de acordo com meus interlocutores, carrega consigo a “força” da quadrilha. Em última posição, há a miss simpatia que tem a função de representar a graciosidade de seu grupo coreográfico.

Do ponto de vista coreográfico, coletei em campo algumas informações sobre a percepção de meus interlocutores quanto às diferenças entre as categorias femininas de miss. Nesta perspectiva nativa, é possível notar que espera-se da miss caipira uma apresentação coreograficamente mais complexa, que reflita o seu *status* maior dentro do grupo e que “ traduza ” os elementos temáticos propostos para a coreografia de sua quadrilha como um todo. Em geral, estas misses são vistas como melhores conhecedoras de técnicas de dança e são mais cobradas para inovarem em suas performances a cada ano. Por sua vez, espera-se que a miss mulata apresente-se com uma coreografia “forte”, que represente supostos atributos da raça “negra” como “energia” e sensualidade. Muitos de meus interlocutores afirmam que estas misses são mais “brutas” e dançam coreografias com movimentos percebidos como mais “pesados”. Possuem a incumbência de “levantar” a torcida das plateias, mostrando a garra de sua quadrilha. Finalmente, as misses da categoria simpatia configuram-se como um estágio inicial para a carreira de miss. Executam movimentos considerados mais “leves” e menos complexos, devem “encantar” o corpo de jurados que analisa os concursos e

tem a missão de empreender uma sedução pueril em relação ao público presente, exibindo sorrisos e movimentos que são, simultaneamente, maliciosos e infantis. Dentre todas as misses, a miss simpatia é, quase sempre, a mais jovem.

Com relação à categoria gay/mix, percebi, em campo, que as expectativas que se mantém em relação aos sujeitos homossexuais, transgêneros, travestis ou transexuais que disputam os títulos de miss são bem próximas das exigências coreográficas que são direcionadas para as miss mulatas. De acordo com a maioria dos discursos que pude ouvir e registrar em campo, meus interlocutores afirmam que as miss gay/mix possuem uma “força” que pode ser comparada ou equiparada às miss mulata, o que masculiniza a mulher “negra” (ou não “branca”) e não reconhece a feminilidade das misses gays/mix.

Ressalto ainda o fato de que muitos sujeitos homossexuais e/ou trans do universo quadrilheiro são coreógrafos de inúmeras *misses* (mulheres ou gays/mix) que dançam nos concursos juninos, estabelecendo com elas uma relação dialógica através da qual ensinam e aprendem atributos de feminilidade, mobilizando, inclusive, marcadores raciais como elementos que reforçam a beleza, a densidade e a sensualidade de suas coreografias. Assim, a feminilidade é adquirida e aprimorada coreograficamente a partir de complexos movimentos de dança, que conferem a estas *misses* a possibilidade de se constituírem como mulheres.

Outro aspecto relevante é o fato de como os concursos de miss produzem noções de “raça” e “etnicidade”. Na opinião da maioria das candidatas (miss mulata e gay/mix) com quem dialoguei, “os jurados gostam do que é diferente, do que é exótico, das coisas que representam a nossa cultura paraense”, conforme avaliação de Nandinha Castro³⁵⁵. De fato, esta percepção parece fazer sentido quando se verifica que grande parte dessas candidatas lança mão de coreografias e figurinos temáticos vinculados a certos ideais de *brasilidade* e, mais especificamente, de *amazoneidade*, que seriam condizentes, inclusive, com suas peles mais “morenas”, “negras” ou ainda percebida como peles com uma coloração “indígena”. Neste sentido, se os jurados e a comissão organizadora desses concursos indicam certa preferência em relação às candidatas que exploram tais ideais de *brasilidade* e *amazoneidade*, as noções de “raça” e “etnicidade” são propositalmente mobilizadas pelas candidatas em suas fantasias. Aproveitando o fato de que esses concursos não limitam a confecção das fantasias nem a elaboração de coreografias à temática junina, as candidatas exploram amplas possibilidades de figurinos e danças com motivações étnicas, religiosas e raciais, tornando visível a afinidade (ou até o pertencimento) dessas candidatas às chamadas religiões de matriz africana, a identificação com os rituais de pajelança e a valorização dos seres “encantados” da Amazônia³⁵⁶.

³⁵⁵ Entrevistada em 2013.

³⁵⁶ Para reflexões mais detalhadas acerca das formas amazônicas de expressão religiosa (especialmente relativas ao catolicismo popular), dos rituais de pajelança e dos seres “encantados” da Amazônia, indico a leitura de Maués (1995; 2005).

É importante lembrar que essa mobilização de aspectos racialmente “negros”, “mestiços” e “caboclos” acaba por forjar certo poder libidinal nos corpos e performances das candidatas aos concursos juninos de beleza *gay* e “trans”, sustentado pela ideia de “mistura”, simbolicamente representada tanto pela ambiguidade das identidades de gênero e de sexualidade das candidatas quanto pelo fator de miscigenação racial que seus corpos ostentam quando performatizam em cena³⁵⁷. Se as candidatas veem como um diferencial a adoção de uma fantasia cujo tema é representativo de algo “exótico”, “amazônico” e racialmente marcado como “moreno”, “negro” ou genericamente “indígena”, tal diferença acaba se diluindo no conjunto de fantasias que carregam, igualmente, temáticas cujos conteúdos são semelhantes. Assim, os jurados ficam diante de uma gama de candidatas que optam pelo “exotismo”, em certa medida, racializado, aumentando o grau de concorrência entre elas. Neste sentido, além do investimento em aspectos culturais entendidos como “amazônicos”, “indígenas” ou “exóticos”, as candidatas investem ainda na representação ressignificada e modernizadora de uma identidade “cabocla”, uma categoria classificatória móvel, que traduz um amálgama entre mestiçagem e etnicidade vinculado ao estereótipo do atavismo, alocando sujeitos que não podem ser classificados racialmente nem como “negros” nem como “indígenas” e muito menos como um grupo étnico específico³⁵⁸.

CONCLUSÃO

Dessa maneira, é possível inferir que os concursos de beleza e de performance cênica, em seus mais variados formatos, operam ativamente na construção de parâmetros definidores do belo a partir da articulação de concepções próprias relacionadas aos marcadores sociais da diferença tais como gênero, raça, sexualidade, geração e etnicidade³⁵⁹. Sendo assim, creio que os concursos de beleza em geral – e não apenas aqueles voltados à população LGBT –

³⁵⁷ Em artigo que problematiza a categoria racial e de gênero “mulata”, Mariza Corrêa (1996) discorre acerca de como essa classificação de cor é pensada num imaginário social como um elemento que sexualiza a raça e racializa o gênero.

³⁵⁸ Inspiro-me em Rodrigues (2006; p. 126-127) quando analisa o uso da classificação “caboclo” como uma categoria contextual, ligada ao estereótipo do suposto “atraso” social/cultural/intelectual das populações amazônicas. De acordo com a autora, “a categoria caboclo não é apenas uma categoria relacional, mas antes de tudo, intersticial, intervalar, categoria mediadora entre o dentro e o fora, o interior e o exterior, e não pode ser apreendida em termos de descontinuidades e rupturas, conceituais ou práticas, entre um espaço regional e um tempo colonial, e os espaços e tempos pós-coloniais, translocais ou transnacionais. Mas, ainda que, conceitualmente, imprecisa e politicamente não-situada, deslocada entre fronteiras e margens, exatamente por isso pode permitir melhor o exercício de auto-reflexividade sobre o contexto amazônico e a constituição de seus sujeitos” (Rodrigues, 2006; p. 128). Em publicação mais recente, Castro (2013) problematiza a categoria “caboclo” como uma anti-identidade, isto é, uma identidade denegada que foi forjada a partir de discursos materializadores de uma violência simbólica que institui os caboclos como sujeitos sociais na Amazônia.

³⁵⁹ Embora o foco deste artigo não esteja voltado, em primeira instância, para a análise da conexão entre raça, beleza e mercado, vale destacar algumas reflexões da antropologia brasileira, que se movem na direção de compreender como aspectos raciais podem ser ressignificados dentro de um mercado de consumo voltado para negros (Fry, 2002) ou mobilizados de maneira politizada em concursos de beleza negra (Pinho, 2004).

constituem-se como campos empíricos férteis para reflexões teóricas produtivas. Os concursos de beleza configuram-se como importantes fontes expressivas de valores sociais e convenções morais vigentes, ao menos no plano ideal, construindo os parâmetros da beleza a partir de noções especificamente produzidas (e constantemente reinventadas) em torno de hierarquias sociais definidas por raça, classe, gênero, sexualidade e geração.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- BEDERMAN, Gail. 1996. *Manliness and civilization: race, gender and sexuality in the United States, 1880-1917*. Chicago: Chicago Press.
- BRAH, Avtar. 2006. “Diferença, diversidade, diferenciação”. *Cadernos Pagu*, 26: 329-376.
- CASTRO, Fábio Fonseca de. 2013. “A identidade denegada. Discutindo as representações e a autorrepresentação dos caboclos das Amazônia”. *Revista de Antropologia*, 56(2): 431-475. Disponível em: <http://www.revistas.usp.br/ra/article/view/82538/85513> [Acesso em 03.08.2014].
- CORREIA, Mariza. 1996. “Sobre a invenção da mulata”. *Cadernos Pagu*, 6-7: 35-50.
- MAUÉS, Raymundo Heraldo. 1995. *Padres, pajés, santos e festas: catolicismo popular e controle eclesialístico. Um estudo antropológico numa área do interior da Amazônia*. Belém: Cejup.
- _____. 2005. “Um aspecto da diversidade cultural do caboclo amazônico: a religião”. *Estudos Avançados*, 19(53): 259-274.
- MCCLINTOCK, Anne. 2010. *Couro imperial: raça, gênero e sexualidade no embate colonial*. Campinas: Unicamp.
- MOUTINHO, Laura. 2004a. “‘Raça’, sexualidade e gênero na construção da identidade nacional: uma comparação entre Brasil e África do Sul”. *Cadernos Pagu*, 23(2): 55-88. Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/cpa/n23/n23a03.pdf> [Acesso em 05.01.2014].
- _____. 2004b. *Razão, ‘cor’ e desejo: uma análise comparativa sobre relacionamentos afetivo-sexuais ‘inter-raciais’ no Brasil e na África do Sul*. São Paulo: Editora Unesp.
- _____. 2006. “Negociando com a adversidade: reflexões sobre ‘raça’, (homos)sexualidade e desigualdade social no Rio de Janeiro”. *Estudos Feministas*, 14(1): 103-116. Disponível em: <https://periodicos.ufsc.br/index.php/ref/article/view/8291/7605> [Acesso em 05.01.2014]
- NASCIMENTO, Silvana de Souza. 2013. (no prelo). “Variações do feminino: circuitos do universo trans na Paraíba”. *Revista de Antropologia*.
- NOLETO, Rafael. 2014. “‘Brilham estrelas de São João!’: homossexualidades e travestilidades masculinas nas festas juninas do Pará”. *Novos Debates – fórum de debates em antropologia*, 1: 27-32. Disponível em: <http://novosdebates.abant.org.br/index.php/np/95-novas-pesquisas/novas-pesquisas-blog/101-brilham-estrelas> [Acesso em 05.01.2013]
- OCHOA, Marcia. 2014. *Queen for a day: transformistas, beauty queens, and the performance of femininity in Venezuela*. Durham/London: Duke University Press.

PISCITELLI, Adriana. 2008. “Interseccionalidades, categorias de articulação e experiências de migrantes brasileiras”. *Sociedade e cultura*, 11(2): 263-274. Disponível em: <http://www.revistas.ufg.br/index.php/fchf/article/viewFile/5247/4295> [Acesso em 05.01.2014]

RODRIGUES, Carmen Izabel. 2006. “Caboclos na Amazônia: a identidade na diferença”. *Novos Cadernos NAEA*, 9(1): 119-130. Disponível em: http://repositorio.ufpa.br/jspui/bitstream/2011/3207/1/Artigo_CaboclosAmazoniaIdentidade.pdf [Acesso em 09.01.2014]

STOLKE, Verena. 2006. “O enigma das interseções: classe, ‘raça’, sexo, sexualidade. A formação dos impérios transatlânticos do século XVI ao XIX”. *Estudos feministas*, 14(1): 15-42.